



O futuro do pólo

Qual será o futuro do Pólo Nacional de Biocombustíveis? A pouca visibilidade do organismo nos últimos anos nada tem a ver com o brilho e a projeção que ele ganhou logo que foi lançado, em 16 de janeiro de 2004, na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), com a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a ministros, professores, pesquisadores e autoridades locais. A finalidade era preparar o Brasil para um novo contexto energético a partir da matriz agroenergia. Mas mudou o ritmo, o foco.

Ainda é nebuloso o que ocorreu. Na época, a chegada do esalqueano Roberto Rodrigues ao Ministério da Agricultura e Abastecimento, profissional brilhante, viabilizou a instalação de um organismo de peso na escola, uma das mais importantes do Brasil. As expectativas eram muito grandes. O organismo se encarregaria de centralizar as pesquisas em biocombustíveis e ganhou projeção nacional e internacional.

O Pólo Nacional de Biocombustíveis foi implantado com o objetivo de coordenar esforços e definir estratégias para uso de diferentes fontes de biomassa, como girassol, milho, amendoim, mamona, soja, gordura animal, madeira, carvão e a própria cana-de-açúcar para fins energéticos, bem como contribuir para o desenvolvimento de uma política de promoção e produção dos biocombustíveis no país.

Ele atua em rede e desenvolve parcerias com órgãos governamentais, empresas e pesquisadores do setor agroenergético, com o objetivo de captar e organizar recursos financeiros e humanos que viabilizem o desenvolvimento do segmento de biocombustíveis no país e no exterior.

O trabalho vem se mantendo, mas discreto demais. De forma complementar, o Pólo Nacional de Biocombustíveis funciona como facilitador para iniciativas de captação de recursos para financiamento de projetos de desenvolvimento tecnológico e estratégicos.

Difícil avaliar o que fez o projeto ficar tão escondido. Apesar das inúmeras visitas internacionais, a perspectiva de projetar Piracicaba para o mundo foi ficando cada vez mais tímida até que, em 2006, a criação da Embrapa Agroenergia, no Distrito Federal, desviou um pouco os olhares. A 38ª unidade da empresa tem a missão de viabilizar soluções tecnológicas inovadoras para o desenvolvimento sustentável e equitativo do negócio da agroenergia do Brasil em benefício da sociedade.

Na edição de hoje temos a notícia do desligamento do competente professor Weber do Amaral, que não é mais coordenador do pólo, depois de quatro anos ininterruptos de muito trabalho e dedicação, informação confirmada pelo diretor da Esalq, Antonio Roque Dechen. Ele disse que o pólo vem sendo reestruturado e será gerenciado por um conselho próprio da universidade.

O objetivo da mudança, segundo declaração do diretor ao *Jornal de Piracicaba*, é ampliar as ações da instituição em âmbito nacional. Ele disse que projetos estavam dispersos e agora serão agrupados para formar uma referência.

Espera-se que o novo modelo seja vitorioso e que o pólo consiga cumprir sua missão, independente de governos, mas unicamente pela capacidade dos seus técnicos e colaboradores e pelo bem da cidade e do desenvolvimento dos biocombustíveis.